

À MARGEM DE UMA INTRODUÇÃO

PROF. MENDONÇA FILHO

Diretor da Escola de Belas Artes da
U. Bahia

A primeira contribuição desta Escola aos Arquivos da Universidade da Bahia, largamente distribuída não só às instituições de Ensino Superior do Brasil, como também a todas as Escolas de Belas Artes do Velho Mundo e das Américas, constituiu, senão um acontecimento, pelo menos, uma afirmação de vitalidade. Os telegramas e cartões recebidos nos levaram a esta conclusão.

Claro que senões houve. E, onde não os há? Bem sabem todos aqueles que necessitam de imprimir algo como é ainda difícil, mas não impossível. A Comissão encarregada da publicação da nossa revista conseguiu superar todas as dificuldades, inclusive as de casa na obtenção de originais que, talvez, tenha sido e continue a ser a tarefa mais árdua; justiça, pois, se faça, à atuação da Comissão organizadora do nosso primeiro volume e dêste, correspondente aos anos de 1954 e 1955, presidida pela figura eficiente do Prof. Américo Furtado de Simas Filho.

Nêstes últimos dois anos, a atividade didática de nossa Escola foi digna de menção especial, pois, nêsse tempo, foram realizados 10 concursos à docência livre e 2 para provimento efetivo de cátedras, além de conferências, participações em congressos e de um Curso de Extensão Universitária, cujo sucesso ultrapassou tudo que se tem feito, nêsse gênero, na Bahia.

Não é nosso propósito, porém, nestas linhas ligeiras, escrever uma Introdução, e muito menos uma Memória Histórica. Desejamos, apenas, como pintor que somos, numa rápida "pochade", fixar aspectos de um progresso cultural, ano a ano mais acentuado. E cabe aqui uma rápida visão dos cursos

da nossa Escola. O curso de Arquitetura continúa em pleno desenvolvimento, quer nas suas instalações, quer na parte didática, quer no aproveitamento dos seus alunos, cuja capacidade plástica se tem evidenciado em Congressos Estudantis que não são méros pretextos para passeios e sim realizações culturais de nível elevado e onde têm apresentado proveitosas toses e obtido primeiros prêmios, merecidamente conquistados. Os cursos de Pintura, Escultura e Gravura, neste ano de 1955, merecem especial destaque pelo aproveitamento dos seus alunos, comprovado no Salão Bahiano de Belas Artes, onde, quer na Seção Geral, quer na Seção Moderna, obtiveram premiações, destacando-se o aluno da 4ª série de Pintura, Juarez Marialva Martins Paraíso, que obteve o alto prêmio "Universidade da Bahia". Carinhosa e justiceiramente, mencionamos que também foram aceitos pelo juri do Salão duas esculturas da autoria de Manoel do Bomfim, servente do Pavilhão de Modelagem.

Em largos toques de pincel, é êsse um esbôço rápido do momento presente. Voltemos-nos, por um instante, para o passado, quando lutávamos pelo reconhecimento do Curso de Arquitetura, entravado por forças poderosas que embora armadas de razões pueris, reagiam contra nós, negando o reconhecimento de um direito adquirido, pelo esforço dos que nos antecederam. Aqui também vale citar algumas datas. Em 1877, foi fundada a Escola de Belas Artes da Bahia; em 1893, foi dada eficiência especial ao curso de Arquitetura; em 15 de agosto de 1929, a Lei estadual número 2216 reconhecia os diplomas emitidos pela Escola de Belas Artes; em 7 de dezembro de 1943, o Governo Federal reconheceu os cursos de Pintura, Escultura e Gravura, negando idêntico direito ao curso de Arquitetura. O Governo da Bahia, desde 1929, com plêno conhecimento das nossas atividades, dava ao Arquiteto, diplomado por nossa Escola, o direito de projetar. Êsse direito, quando pretendemos fôsse estendido a todo o Brasil, nos foi negado. Reagimos, não tomando conhecimento do fato e continuando a fazer funcionar o curso de Arquitetura, sem desfalecimentos, melhorando-o e lutando contra a corrente que, daqui da nossa própria terra, influenciava, contra nós, os po-

dêres federais. Já integrados na Universidade, procuramos obter de Edgar Santos, Reitor Magnífico, informações que nos permitissem descobrir quais as barreiras. Esbarramos, porém, sempre, na couraça da discreção. O Reitor nada informava. Mas, grande amigo, parecia ignorar que o curso de Arquitetura não só continuava a funcionar, como também usufruía dos benefícios destinados aos cursos oficiais de Pintura, Escultura e Gravura. Um dia, porém, o fio de Ariadne nos foi dado. Podíamos enfrentar o labirinto. — Ruy Santos, (o deputado bahiano a quem os arquitetos de nossa Escola, diplomados antes do reconhecimento federal desse curso, devem o projeto que validava os diplomas emitidos antes desse mesmo reconhecimento), sem ambages, descerrou a cortina dos mistérios, não só fornecendo aos dirigentes da nossa Escola os elementos necessários, como, sobretudo, dando a permissão, que usássemos, como quizessemos, o seu nome, como fonte das informações obtidas. E usamos. Escrevemos ao então deputado, Coronel Juracy Magalhães, expondo, *sòmente*, o problema, porque sôbre o valôr cultural do nosso Còrpo Docente e Discente, nada necessitaria ser dito a quem, dêsde 1930, compartilhou das grandezas e misérias da nossa vida. E o milagre foi feito. A emenda n° 21 apresentada ao projeto Lei n° 494, de 1949, da Câmara Federal, pelo Senador Santos Neves, resolveu a situação do curso de Arquitetura. —

Transcrevemos a parte final da justificação da emenda n° 21: "E' O QUE ME ASSEGURA O DEPUTADO JURACY MAGALHÃES A QUEM DEVO A SUGESTÃO DA PRESENTE EMENDA.. Sala das Comissões, em 18 de abril de 1950.

Antes de pôr o ponto final neste escrito, uma palavra de gratidão deve ser dita, assinalando os serviços prestados pelos legisladores bahianos que colaboraram na lei que federalizou nossa Escola. Na luta sustentada, é dever nosso assinalar o nome de Juracy Magalhães e Ruy Santos, quer na incorporação da Escola de Belas Artes à Universidade da Bahia, quer no posterior reconhecimento do curso de Arquitetura, onde

Juracy Magalhães, defendendo nossas pretensões, empenhou o seu prestígio político e pessoal, travando árdua batalha até conseguir a vitória.

Nada mais acrescentaremos. Nenhuma meia tinta para valorisar a luminosidade do quadro; nenhum adjetivo para dar fôrça ao favor obtido. — Apenas o reconhecimento da dívida; apenas a justiça na verdade dos fatos para a história da vida da nossa Escola e para eterna gratidão do estudante de arquitetura, que deve a Juracy Magalhães a possibilidade de poder exercer essa grandiosa arte em todo território Nacional.

E aí está terminada a nossa "pochade"; largas pince-ladas, côr, volume, movimento, luminosidade, harmonia, compondo um quadro que oferecemos aos estudantes da nossa velha Escola, a essa mocidade, por vezes um tantinho irreverente e cujas "boutades" nos fazem sorrir; e, porque não dizê-lo? sorrir entre lágrimas, olhando, para êsse passado, infelizmente tão distante, onde nós fomos como êles...